



University of
Texas Libraries

REDIB
Red Iberoamericana
de Investigación y Conocimiento Científico



e-revist@s



Faculdade Santo Agostinho
revista fsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 15, n. 1, art. 3, p. 43-64, jan./fev. 2018
ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983
<http://dx.doi.org/10.12819/2018.15.1.3>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



“Só Existe Macho e Fêmea, o Resto é Gambiarra”: Analisando Discursos da Campanha Fala Homem

"Only There is Male and Female, the Rest is Quick Fix": A Analysis of Discourses of a Manifest

Renan Gomes de Moura

Mestrado em Administração pela Universidade do Grande Rio
Graduação em Administração pelo Centro Universitário Geraldo Di Biase
E-mail: renangmoura@gmail.com

Rejane Prevot Nascimento

Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
Professora da Universidade do Grande Rio
E-mail: rejaneprevot@uol.com.br

Endereço: Renan Gomes de Moura

Rua da Lapa, 86 - 9º andar - Lapa - Rio de Janeiro / RJ-
Brasil - CEP 20021-18.

Endereço: Rejane Prevot Nascimento

Rua da Lapa, 86 - 9º andar - Lapa - Rio de Janeiro / RJ-
Brasil - CEP 20021-18

Editor Científico: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 25/09/2017. Última versão recebida em 19/10/2017. Aprovado em 20/10/2017.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

Os comportamentos que temos hoje “pertencentes” a homens e mulheres e tidos como “normais” foram socialmente construídos e “no âmbito dos estudos sobre gênero e sexualidade, o tema da masculinidade adquiriu grande visibilidade nas últimas décadas. No final do século passado, o gênero masculino foi transformado em objeto científico” (HEILBORN, 2010, p.109). Evidencia-se que existe um ideal de masculinidade, o qual está associado a diversos comportamentos e características que seriam representativas do homem ideal (SOBAL, 2005; CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). Esta pesquisa tem por objetivo compreender os diferentes posicionamentos discursivos manifestados por usuários de redes sociais sobre o que é ser homem. O método utilizado no presente artigo para coleta dos dados consistiu no uso da netnografia.

Palavras-chave: Masculinidade Hegemônica. Masculinidades. Netnografia. Gênero, Dominação masculina.

ABSTRACT

The behaviors that we have today "belonging" to the men and women and regarded as "normal" have been socially constructed and "under the gender and sexuality studies, the theme of masculinity has acquired great visibility in recent decades. At the end of the last century, the male gender was transformed into a scientific object "(HEILBORN, 2010, p. 109). Evidencia-if there is an ideal of masculinity, which is associated with the various behaviors and characteristics that would be representative of the ideal man (SOBAL, 2005; CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). This research aims to understand the different discursive positions expressed by users of social networks about what a man is. The method used in this article for data collection consisted in the use of netnography.

Keywords: Hegemonic Masculinity. Masculinities. Netnography. Gender. Male Domination.

1 INTRODUÇÃO

No dia 26 de outubro de 2016, a Natura, através de sua *fanpage* no Facebook, criou o Manifesto Homem em Transição, iniciando uma ampla conversa sobre o tema. Este adotou o slogan “Fala Homem” com o intuito de propor uma discussão sobre o que é ser homem. O Texto que acompanhava o vídeo era atrativo e já supunha a existência de masculinidade. “A masculinidade libertou-se. São muitas as maneiras de ser homem. Chegou a hora de discutir, falar, dialogar, descobrir” e então vinha a pergunta: “O que é ser homem para você?”.

Figura 1 – Manifesto Homem em transição - Imagem retirada da *fanpage* da Natura



Os comportamentos que temos hoje “pertencentes” a homens e mulheres e tidos como “normais” foram socialmente construídos e, “no âmbito dos estudos sobre gênero e sexualidade, o tema da masculinidade adquiriu grande visibilidade nas últimas décadas. No final do século passado, o gênero masculino foi transformado em objeto científico” (HEILBORN, 2010, p.109), e em um contexto hegemônico de masculinidade pode-se dizer que “homens que receberam os benefícios do patriarcado sem adotar uma versão forte da dominação masculina podem ser vistos como aqueles que adotaram uma cumplicidade masculina” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 242). Corroborando com a ideia exposta, evidencia-se que existe um ideal de masculinidade, o qual está vinculado a diversos comportamentos e características que seriam representativas do homem ideal (SOBAL, 2005;

CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013), porém Laraia (2007) evidencia que as diferenças comportamentais existentes entre os sexos não são determinadas biologicamente, mas sim pela cultura. Corbin relata que “a diferença anatômica e fisiológica entre homem e mulher, repete-se, e governa não apenas a “vida sexual”, mas todos os componentes do ser” (2013, p.15). Se em um ponto existe uma masculinidade hegemônica e sabe-se que os comportamentos masculinos são socialmente construídos e estão à par do sexo biológico, questiona-se: Como é compreendida a masculinidade pela perspectiva de homens e quais são seus reflexos na sociedade?

Apesar da compreensão cada vez mais precisa dos mecanismos da opressão, a divisão da humanidade em homens e mulheres ainda é geralmente apresentada como natural. O fato de que, ao longo da história, a "natureza" sempre foi invocada para justificar o poder de um grupo sobre outro não tem, para a maioria das pessoas, dúvidas sobre a validade da divisão da humanidade em sexos. As pessoas que afirmam que a presença da mãe é essencial para o desenvolvimento da criança durante os primeiros dezoito meses, ou que a maternidade é a maior realização da mulher, estão disfarçando o que é cultural, alegando que é natural (REYNAUD, 2004).

Dito isso, considera-se relevante teorizar e discutir conceitos a respeito das várias manifestações da masculinidade, suas múltiplas formas de violências, bem como suas diferentes formas de se estar no mundo, além de “representar o que é ser homem, o que é violência e a possibilidade de relacionar esses conceitos, levando em conta a persistência de velhas formas de construção simbólica dos gêneros e também a emergência de novas configurações, com valores da “alta modernidade” (SANTOS, 2010, p.123). Diante do exposto esta pesquisa propõe-se compreender os diferentes posicionamentos discursivos manifestados por usuários de redes sociais sobre o que é ser homem e quais os seus reflexos na sociedade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Gênero e Masculinidade

Grande parte das sociedades possuem relatos culturais de gênero, mas nem todas têm o conceito de masculinidade muito bem definido. Em seu uso moderno, o termo assume que o comportamento de uma pessoa resulta do tipo de pessoa que é, ou seja, uma pessoa não masculina se comportaria de maneira diferente: ser pacífica, em vez de violenta, conciliadora

em vez de dominadora, dificilmente capaz de jogar futebol, desinteressada na conquista sexual, e assim por diante (CONNELL, 2005). Nesse sentido, Haywood e Mac an Ghail (2003) relatam que, sociologicamente, os homens estão numa posição privilegiada. Novos quadros têm emergido de suposições do senso comum do problema sobre gênero. O segundo movimento feminista das décadas de 1960 e 1970 forneceu um vocabulário social que incluiu: política sexual, patriarcado e divisão sexual do trabalho. Mais recentemente, os escritores de gays e lésbicas, o ativismo da AIDS e a influência da teoria *queer* tornaram popular uma linguagem em torno da regulação sexual, empregando noções de homofobia, heterossexualidade compulsória, matriz heterossexual e identidades transgênero.

Segundo Connell (2005), o gênero é a prática social que constantemente se refere aos corpos e o que os corpos fazem, não é a prática social reduzida ao corpo. De fato, o reducionismo apresenta o inverso exato da situação real. O gênero existe precisamente na medida em que a biologia não determina o social. Ele marca um daqueles pontos de transição em que o processo histórico substitui a evolução biológica como forma de mudança. O gênero é um escândalo, um ultraje, do ponto de vista do essencialismo. Os sociobiólogos estão constantemente tentando aboli-lo, provando que os arranjos sociais humanos são um reflexo dos imperativos evolutivos. Corroborando com a ideia anterior, Butler (2015) relata, que o gênero é culturalmente construído, não sendo um resultado do sexo biológico e tão pouco é uma construção definitiva como é o sexo. Sendo assim, pode-se compreender que o gênero são as características e significados culturais assumidas por um corpo sexuado (BUTLER, 2015). Para Scott (1995, p.86) “o núcleo da definição repousa igualmente numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”. Nesse sentido, compreende-se que falar de gênero perpassa pelas relações sociais, sexuais, abarcando ainda relações sociais, institucionais e políticas.

Connell (2005) relata que, em vez de tentar definir a masculinidade como um objeto (um tipo de caráter natural, uma média comportamental, uma norma), precisamos nos concentrar nos processos e nos relacionamentos, através dos quais homens e mulheres conduzem suas vidas inscritas no gênero. A masculinidade, na medida em que o termo pode ser brevemente definido é, simultaneamente, um lugar nas relações de gênero, nas práticas pelas quais homens e mulheres engajam esse lugar no gênero e os efeitos dessas práticas na experiência corporal, na personalidade e na cultura (CONNELL, 2005). Dito isso, compreende-se que as práticas que se relacionam com essa estrutura, geradas à medida que as pessoas e os grupos lidam com suas situações históricas, não consistem em atos isolados, aos

quais as ações são configuradas em unidades maiores. E, quando falamos de masculinidade e feminilidade estamos nomeando configurações das práticas de gênero. Butler (2015, p.194) relata que essas atuações são entendidas como atos “performativos, no sentido de que a essência ou identidade que, por outro lado, pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos”. Dito isso, o corpo é um dos meios ao qual o gênero se manifesta, isso inclui as masculinidades feminilidades. Sendo assim, a próxima seção visa explicar o conceito de masculinidade hegemônica e masculinidades. Simpson (2004) afirma que o gênero é, portanto, visto como uma prática social, e masculinidade, como uma configuração dessa prática.

2.2 Masculinidade Hegemônica X Masculinidades

A libertação masculina exige que os homens se libertem dos estereótipos do papel sexual que limitam sua capacidade de ser humano. Os estereótipos dos papéis sexuais dizem que os homens devem ser dominantes. Alcançar e promulgar um papel dominante nas relações com os outros é muitas vezes tomado como um indicador de sucesso. "Sucesso" para um homem muitas vezes envolve influência sobre a vida de outras pessoas. Mas o sucesso na obtenção de posições de dominação e influência não é necessariamente aberto a todo homem, uma vez que o domínio é relativo e, portanto, escasso por definição. Na verdade, nem todos os homens conseguem alcançar as posições de dominação que os estereótipos do papel sexual, idealmente, exigem. Os estereótipos tendem a identificar esses homens como fracassos maiores ou menores e, em casos extremos, os homens que não dominam são objeto de piadas, desprezo e simpatia de esposas, pares e sociedade em geral (SAWYER, 2004).

Considerando que outras divisões da humanidade podem ter mais ou menos clareza, utilidade ou validade, nenhuma outra formulação é tão ubíqua; está imbuída com tanta convicção emocional, ou é subscrita com um compromisso sistemático e energético de uma sociedade e desenvolvimento como a atribuição de gêneros E suas características presumidas (REINISCH; ROSENBLUM; SANDERS, 1987). Nesse contexto destaca-se a masculinidade hegemônica.

O adjetivo “hegemônico”, derivado de Gramsci, surge como um sério problema teórico, uma vez que o termo implica constante luta pela posição de preponderância. Se é fato que ainda existe uma forma hegemônica de masculinidade, trata-se de refletirmos a respeito da questão: formas distintas de masculinidade, ao se contraporem à predominante, buscam ocupar tal posição hegemônica ou, será que o que pretendem é, sobretudo, reconhecimento como uma forma também legítima e possível de experienciar

a masculinidade? Pretendemos, ao recuperar o sentido original de hegemonia, refletir de forma crítica sobre as implicações de tal apropriação teórica aos estudos sobre masculinidades (FIALHO, 2005).

Evidencia-se que a masculinidade hegemônica incorpora uma estratégia "atualmente aceita". Quando as condições para a defesa do patriarcado mudam, as bases para o domínio de uma masculinidade específica são corroídas. Novos grupos podem desafiar antigas soluções e construir uma nova hegemonia. O domínio de qualquer grupo de homens pode ser desafiado por mulheres. A hegemonia, então, é uma relação historicamente móvel. Seu fluxo e refluxo é um elemento-chave da imagem da masculinidade (CONNELL, 2005). Bourdieu (2014) relata que os seres humanos, homens e mulheres, são forçados a aprender e incorporar, “sob a forma de esquemas inconscientes de percepção e apreciação, as estruturas históricas da ordem masculina” (p.17). Nesse sentido compreende-se que as pessoas são inseridas de forma inconsciente, em um sistema dominado por características masculinas, o qual propaga a divisão entre homens e mulheres através de categorias singulares a cada um. O autor evidencia ainda, que “a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção” (2014, p.18)

No que tange às características masculinas, Bourdieu (2014) destaca que algumas características e atividades são associadas ao masculino a partir do momento que se opõem ao que é feminino como por exemplo “alto/baixo, em cima/ embaixo, na frente/atrás, direita/esquerda, reto/curvo, seco/úmido, duro/mole (...)” (p.20). Completando a ideia anterior, Molinier e Welzer-Lang (2009) relatam que, atrelado à masculinidade encontra-se a virilidade, termo esse que possui duplo sentido; o primeiro seria aquele referente aos atributos sociais vinculados ao que é ser homem e masculino, como por exemplo a força, coragem, capacidade de combater, violência e acima de tudo os privilégios concedidos aqueles que dominam sujeitos que não são e nem podem ser considerados como viris, tais como crianças e seres femininos. Partindo do mesmo ponto de vista, Nolasco evidencia que “a representação social dos homens é constituída a partir do sexo”-, agressividade, determinação, exercício da posse e do poder” (1995, p.15).

Do outro ponto de vista a virilidade é associada ao poder atribuído à sexualidade do homem, ou seja, a forma erétil e penetrante da sexualidade masculina. Como relata Beauvoir, (1970) quando o homem é intitulado de macho e, conseqüentemente, a ele são associadas características de animalidade, torna-se motivo de orgulho, enquanto ser fêmea, na boca dos homens, seria um insulto a quem é considerado como feminino. A autora relata ainda que “o

termo “fêmea” é pejorativo, não porque enraíze a mulher na Natureza, mas porque a confina em seu sexo” (BEAUVOIR, 1970, p.25).

Completando as ideias anteriores, Bourdieu evidencia a importância do papel sexual do homem como um meio de dominação, e relata que “se a relação sexual se mostra como uma relação social de dominação, é porque ela está construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, organiza, expressa e dirige o desse” (2014, p.31). Evidencia-se, ainda, que o que é ser homem e como o sê-lo na contemporaneidade, busca articular a concepção de masculinidade com o envolvimento masculino com a violência, a paternidade e o reconhecimento no trabalho, entre outras temáticas (NOLASCO, 1995).

Nesse contexto, torna-se relevante ressaltar que a sexualidade está vinculada ao poder, e nesse sentido, para o homem heterossexual, feminizá-lo através de deboches a respeito de sua virilidade, ou dizer que o mesmo é homossexual torna-se uma humilhação (BOURDIEU, 2014). A opressão posiciona as masculinidades homossexuais na base de uma hierarquia de gênero entre os homens. A homossexualidade, na ideologia patriarcal, é o repositório de tudo o que é, simbolicamente, expulso da masculinidade hegemônica, os itens vão desde o gosto fastidioso na decoração da casa até o prazer analítico receptivo. Assim, do ponto de vista da masculinidade hegemônica, a homossexualidade é facilmente assimilada à feminilidade. E, portanto - na opinião de alguns teóricos gays - a ferocidade dos ataques homofóbicos (CONNELL, 2005). Corroborando com a ideia anterior, Coelho e Carloto relatam que “esse padrão de masculinidade hegemônica que representa a estrutura de poder das relações sexuais desqualifica os comportamentos masculinos que não se ajustam a seus princípios, ocultando um processo de luta contínuo que envolve “mobilização, marginalização” (2007, p.17).

Embora se tenha a ideia que existe uma Masculinidade hegemônica, não devemos esquecer que qualquer masculinidade, e configuração de prática, é simultaneamente posicionada em várias estruturas de relacionamento, que podem estar seguindo diferentes trajetórias históricas. Assim, a masculinidade, e a feminilidade, estão sempre sujeitas a uma contradição interna e a uma ruptura histórica (CONNELL, 2005). Dito isso, não se deve ater em um único modelo de masculinidade, mas sim masculinidades. Segundo Connel (2005) reconhecer mais de um tipo de masculinidade é apenas o primeiro passo, tendo em vista que se deve examinar as relações entre os diversos sujeitos tidos como masculinos. Além disso, tem-se que desempacotar os meios de classe e raça ao examinar as relações de gênero operando dentro dos conceitos de masculinidade. Um foco nas relações de gênero entre os homens é necessário para manter a análise dinâmica, para evitar o não reconhecimento de

múltiplas masculinidades que se desmoronam em uma tipologia de caráter. A masculinidade hegemônica não é um tipo de caráter fixo, pois a masculinidade que ocupa uma posição hegemônica em um padrão genérico de relações de gênero é sempre posição contestável (CONNELL, 2005).

Almeida (1996) relata que a masculinidade hegemônica pode ser vista como uma ordem de gênero específica produzida pelo patriarcado que define a inferioridade do feminino e das masculinidades subordinadas. Sendo assim, a próxima seção objetiva evidenciar o papel social do homem na sociedade e sua relação com a dominação masculina.

2.3 O Papel Social Do Homem Em Um Contexto Histórico e A Dominação Masculina

Da antiguidade até os dias atuais, a tarefa dos homens tem sido controlar a sexualidade feminina. Por isso, é necessário domesticar a mulher, inculcando nela que seu ideal é formar uma família, com sua honra preservada, com sua atenção voltada para o lar; e o homem como chefe e mantenedor do lar, pertence às ruas, onde busca o sustento, enquanto sua mulher está guardada e presa ao lar (grifo nosso). Foucault relata como os corpos tornam-se dóceis através do poder disciplinar. A disciplina fabrica novos indivíduos; essa é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos, ao mesmo tempo, objetos e instrumentos de seu exercício, e reforça que “o sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação com procedimentos específicos, o exame (FOUCAULT, 2007, p. 143).

Louro (2004) evidencia ainda que nas escolas religiosas as mães ocupavam posição superior, porém nas escolas públicas os homens detinham esse poder, o que evidencia como os papéis sociais foram produzidos e, conseqüentemente, são reproduzidos. Assim quais os sujeitos assumem seus lugares que são determinados culturalmente nos processos históricos, homens nas posições de comando e as mulheres executando e cumprindo suas ordens. Essas características são notórias no decorrer da história e mostram o homem em posição hierárquica de domínio sobre a mulher. Alguns avanços são notados, mas foram necessárias muitas transformações nas práticas sociais, nas representações para que as mulheres fossem vistas de outra forma na sociedade brasileira; “homens e mulheres constroem de formas próprias e diversas suas identidades – muitas vezes em discordância às proposições sociais de seus tempos” (LOURO, 2008, p.478).

Essas imagens, que são mantidas desde o século XIX, estão enraizadas na representação da cultura tradicional, à qual “as práticas e as normas se reproduzem ao longo

das gerações na atmosfera lentamente diversificada dos costumes. As tradições se perpetuam em grande parte mediante a transmissão oral” (THOMPSON, 1998 p.19), Dentro desse contexto, percebe-se que, dentre os papéis sociais associados ao homem, a própria legislação o coloca como uma figura superior ao feminino, como mostra Corbin (2013, p.29) ao relatar que “segundo Código Civil (art. 213), o marido deve proteção à sua mulher; ele precisa, assim, evitar deixá-la padecer no abandono e na miséria”.

Nolasco esclarece que “Homem, masculino e pai são qualificações que definem um modo de inserção do sujeito na cultura da qual ele faz parte [...] juntas definem um padrão de comportamento a ser seguido pelos homens” (1995, p.46). O autor ressalta ainda que, no início dos anos 90, os homens passaram a se reunir para discutir o que é ser homem e como o sê-lo na contemporaneidade, buscando articular a concepção de masculinidade com o envolvimento masculino com a violência, a paternidade e o reconhecimento no trabalho, entre outras temáticas (NOLASCO, 1995). Dito isso o autor destaca que a paternidade é um “ideal de masculinidade presente no patriarcado [que] empobrece o campo de possibilidades de satisfação emocional que pode ser experimentado por um homem” (NOLASCO, 1997, p. 25).

Bourdieu (2014), salienta também que a masculinidade é tida como uma característica nobre pela sociedade, ao afirmar que “realmente, não seria exagero comparar a masculinidade a uma nobreza” (p.75), sendo essa nobreza um reflexo da dominação masculina que permite o mundo ser hierarquizado sexualmente, fazendo com que os privilégios dados aos homens sejam vistos como naturais. Nesse sentido Bernini relata, também, que “quem nasce com o sexo masculino é chamado a representar aquela identidade majoritária de homem que seu corpo deveria encarnar não por opção autônoma, mas por um “privilegio” que não depende dele” (2011, p.39).

Segundo Bourdieu (2014) a dominação masculina deve ser vista como uma violência e nesse contexto, podemos ressaltar a violência de gênero, e Kaufman (1987) afirma que essa violência é voltada contra as mulheres, contra outros homens e contra si mesmo (o homem que pratica) Para Barker (2008), a articulação desses elementos estrutura as disposições masculinas para a violência, operando, assim, em um grande contexto social no qual se inscrevem, como por exemplo a divisão de classe e orientação sexual.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

O método utilizado no presente artigo para a produção do corpus da pesquisa consistiu no uso da netnografia. Considera-se que esse método é “um vasto campo de pesquisa em administração e a netnografia junto com a ADMC são uma potente ferramenta para nos auxiliar nesta tarefa” (ADADE; BARROS, 2014, p.13). De acordo com Kozinets (2014, p.70) “pode-se considerar que as interações mediadas por computador oferecem novas oportunidades distintas para liberar comportamentos não tão facilmente proporcionados por interações face a face”. Neste artigo foram estabelecidos seis passos para realizar a netnografia que consistem em realizar o “planejamento do estudo, entrada, coleta de dados, interpretação, garantia de padrões éticos e representação da pesquisa” (KOZINETTS, 2014, p.62). Para análise dos dados utilizou-se a Análise do Discurso Mediada por Computador – ADMC. Ressalta-se que “A ADMC apresenta as seguintes premissas: (1) o discurso exhibe recorrência de padrões; (2) Há no discurso escolhas do emissor e (3) os discursos são influenciados e acomodam-se aos recursos e restrições tecnológicas dos sistemas de comunicação que os mediam” (ADADE; BARROS, 2014, p.09).

O corpus da pesquisa foi produzido no mês de novembro de 2016, para o qual foram extraídos diversos discursos de homens que se posicionaram no manifesto “Homem em Transição”, realizado pela empresa Natura. Embora os discursos em torno da publicação na rede social tenham sido públicos e está acessível a qualquer pessoa, optou-se por usar pseudônimos para dificultar a identificação pessoal daqueles, cujos os textos foram selecionados como fonte de dados para a pesquisa.

A postagem possuía mais de três mil comentários até o mês que o corpus da pesquisa foi produzido. A seleção dos fragmentos discursivos partiu das categorias de análise estipuladas na presente pesquisa, sendo elas: masculinidade hegemônica, masculinidades e dominação masculina, pois Bauer e Aarts (2008) relatam que a produção do corpus deve emergir das categorias estipuladas a fim de desvelar um fenômeno desconhecido. Não foram escolhidos mais fragmentos discursivos, pois os demais começaram a reproduzir a ideia centro de todos os outros, chegando, assim a saturação. A saturação ocorre quando o pesquisador, em um lapso temporal, consegue compreender a lógica interna dos sujeitos objetos de estudo (MINAYO, 2006), haja vista que a inclusão de novos fragmentos de fala não acrescenta novos elementos à pesquisa (BAUER; AARTS, 2008).

Através dos fragmentos discursivos não foi possível identificar nos discursos selecionados a sexualidade de cada um dos sujeitos, uma vez que os mesmos apenas se posicionaram frente ao manifesto sem abordar questões referentes à própria sexualidade.

4 ANÁLISE E DISCUSSÕES

Nesse capítulo será apresentado o corpus da pesquisa bem como sua análise. Dito isso o a análise do corpus foi separada por áreas temáticas. A primeira, visa demonstrar a existência da masculinidade hegemônica e sua relação com a virilidade. Em seguida, abarca-se o tema referente às masculinidades. Posteriormente, aborda-se o tema proposto, evidenciado que o “ser homem” possui algumas raízes na dominação masculina; e, por último, discorre-se sobre temática associada aos sujeitos gays.

4.1 Tema: A presença da masculinidade hegemônica na contemporaneidade

Neste tema, buscou-se verificar se na contemporaneidade ainda se pode falar em masculinidade hegemônica. Nesse sentido, observou-se que o discurso de diversos sujeitos revelam que, para ser homem, é necessário ter traços que são tipos da masculinidade hegemônica. Nesse tema serão, primeiramente, destacadas as características sociais da masculinidade hegemônica e, em seguida, a sua relação com a virilidade.

Achei essa propaganda ou sei lá o que é, totalmente errada no sentido ideológico. Homem é sinônimo de força, honra, bravura e virilidade desde os primórdios da humanidade. Foram homens viris e guerreiros que construíram a sociedade segura e confortável, no primeiro rumor de guerra vocês vão lembrar que precisam de homens a moda antiga pra defenderem seus lares e sentimentos frágeis. *#orgulhodesermacho* (ANILSON,2016, grifo dos autores).

Homem, pra mim, é aquele cara q tem no máximo um perfume! E que foi a namorada ou a esposa que deu, a uns dois anos atrás, e q ainda está na metade. Usa sabonete anti-bacter, sem perfume, com o qual lava dos cabelos aos pés. Sim, xampu (ou shampoo, como queiram), nós os Homens, também raramente usamos. Homem usa anti-transpirante sem perfume. Quando houver uma ocasião muito especial, o Homem usa o perfume aquele q a parceira deu pra ele. Perfume este, que não tem cheiro doce, e que obviamente é um emadeirado. (FAIZARTES, 2016).

No fragmento discursivo de Anilson, é possível perceber que a masculinidade está fortemente enraizada em características que foram associadas ao homem em todo o decorrer

da história como por exemplo a força, a virilidade e sua agressividade. Para Anilson, a propaganda, que dizia que a masculinidade se libertou, corrobora com uma ideologia errada do que é ser homem, pois algumas características evidenciadas no vídeo não representam de fato o que é “ser homem”. Contudo, no fragmento de Anilson, é possível perceber, ainda, a existência de masculinidades, porém a sociedade, para se manter “protegida”, necessita do homem com características hegemônicas, levando a crer que todo aquele que está à margem dessas características não serve para construir, ou sequer defender a sociedade. Por fim, percebe-se que estar dentro dos padrões do que é ser “macho” torna-se motivo de orgulho perante uma sociedade que abarca as masculinidades. Já no fragmento discursivo de Marcello, percebe-se que a masculinidade é oposta à feminilidade, e tudo que é tido como feminino pela sociedade deve ser rejeitado pelo homem, como por exemplo não ter comportamentos atrelados à vaidade, e mesmo quando tiver algum respingo de vaidade deve-se utilizar cosméticos sem cheiros ou com cheiros fortes como os perfumes amadeirados. Tais fragmentos corroboram com as ideias de Beauvoir (1970), onde o termo macho e as características animais no homem são motivo de orgulho; de Molinier e Welzer-Lang (2009), de Connell e Messerschmidt (2013), ao relatarem a existência de masculinidade hegemônica, e das ideias de Bourdieu (2014), cujo é possível correlacionar as características da masculinidade hegemônica com os traços da dominação masculina.

Relacionado à masculinidade hegemônica, pode-se perceber sua forte relação com a virilidade, nos elementos discursivos a seguir: “*ser macho mesmo é honra o que tem no meio das pernas pra um bom entendedor já basta*” (Jack Maria, 2016). Já outro fragmento evidencia que ser homem é “*ter os "cunhões roxo"!*” (Reginaldo Junior, 2016, grifo dos autores). Em ambos os fragmentos é possível perceber que a virilidade está atrelada ao poder de reprodução do homem, ao poder que o falo exerce de penetrar. Sendo assim, ser homem é sinônimo de ser homem heterossexual, capaz de reproduzir. Através do discurso de Jack, nota-se que, para ser homem deve-se valorizar o falo, mostrando o poder do mesmo, e aquele que não o valoriza, pode ser considerado um não entendedor, ou um “não homem”. Esses fragmentos corroboram com os pensamentos dos seguintes autores Nolasco (1995), Connell (2005), e Molinier e Welzer-Lang (2009), aos quais defendem que o corpo é um dos meios pelo qual o gênero se manifesta.

4.2 Tema: Além do horizonte: as masculinidades

Nesta seção temática procurou-se verificar que, além da masculinidade hegemônica, existem as masculinidades. Dito isso, serão evidenciados aqui os discursos que nos remetem à existência de diversas formas de ser homem. O primeiro fragmento selecionado relata que *“Ser homem é poder expressar sua sexualidade sem medo ou represarias oriundas da ignorância. Tudo isso, regado a liberdade, é o que nos faz homens”* (João Tadeu, 2016).

Ele pode tanto fazer-se em seu trabalho como desdobrar-se em cuidados com sua casa; ele já não se veste como um colegial adolescente, uniformizado como a matilha, mas cria seu próprio estilo, um conceito, uma marca de seu modo de viver. Seu gosto para perfumes não é algo forte e impositivo mais, mas algo agradável e maleável de acordo com a situação de cada momento de seu dia. Ele procura produtos específicos para seu tipo de pele, cuida de sua alimentação, de seu corpo e de sua saúde mental. Seu jogo agora não é caçar uma parceira sexual, mas despertá-la para outros significados através destes seus novos sinais. Ele não cozinha somente, mas entende da importância do ato gregário de uma refeição na construção de boas de uma refeição na construção de boas relações, já não é mais um ritual para o abate, mas uma celebração em torno da vida. Ele pensa em família, mas não se açoda, ele a planeja de modo não somente de preservar-se, mas também as suas gerações futuras. Este homem corre riscos...especialmente por não obedecer ao ritual social comum de seu meio, especialmente por não entender a parceira que confusa com seu alto grau de evolução, não o consegue acompanhar, pensando-o idealista demais, sensível demais, delicado e cuidadoso demais...andrógino demais para os padrões paternalistas e machistas nos quais muitas das mulheres ainda são "educadas". Este homem, ainda que feliz com sua evolução e condição, se recente do único mal que não soube se proteger: o machismo...e por não saber que já há muito tempo, este machismo havia mudado de lugar (JONATHA, 2016).

Ser homem é ter sua dignidade preservada pelo Estado. É poder ter acesso à saúde, educação, lazer, trabalho, cultura e comunicação de qualidade, pois de outra forma sempre seremos sub-homens. É poder se expressar com liberdade e respeitar os outros. Poder se vestir bem, usar um bom perfume, ter um bom corte de cabelo e se sentir bem com isso. É entender a mulher e tê-la sempre como igualmente digna, respeitá-la e cooperar para seu bem nessa sociedade preconceituosa e subdesenvolvida (RODRIGO, 2016).

Através dos fragmentos discursivos evidenciados torna-se possível compreender que, paralelo à Masculinidade Hegemônica, há as masculinidades. No discurso de João percebe-se que para ser homem é necessário ser livre e se libertar dos padrões hegemônicos de masculinidade, para isso é necessário enfrentá-la. Já no fragmento de Jonatha, percebe-se que a masculinidade é construída socialmente, sendo assim constroem-se masculinidades de acordo com a vivência de cada indivíduo. Nesse contexto, há uma grande oposição à masculinidade hegemônica, pois nas masculinidades a construção da identidade masculina

pode se constituir também de elementos sociais tidos como pertencentes ao universo feminino, como a vaidade e os cuidados com o lar. Nesse fragmento discursivo, as masculinidades podem não ser compreendidas por diversos sujeitos que, por questões sociais idealizam o “Ser homem” baseado na masculinidade hegemônica. Nesse mesmo raciocínio, o discurso de Rodrigo, evidencia que todos os homens, de certo modo, possuem traços da masculinidade hegemônica, porém, por serem todos individuais, podem ser considerados sub-homens, pois cada um acrescenta elementos diversificados à construção da sua masculinidade. Através dos fragmentos discursivos pode-se perceber que os discursos vão de encontro aos pensamentos de Connell (2005), Fialho (2005) e Coelho e Carloto (2007), para os quais que existe um padrão de masculinidade hegemônica e que representa uma estrutura de poder das relações sexuais que desqualificam os comportamentos masculinos que não se ajustam a essa masculinidade hegemônica, ocultando-se assim em um processo de luta contínua que envolve “mobilização, e marginalização”.

4.3 Tema: Ser machista como fonte da masculinidade e da dominação masculina

Neste tema, destacou-se como o “ser homem” está ancorada na masculinidade hegemônica e vinculado à dominação masculina, onde diversos fragmentos discursivos culpabilizam o feminismo como uma prática “anti-masculinidade”, e o machismo como a representação fidedigna do que é ser homem, ou ainda, qual o papel do homem na sociedade.

Em meio a toda essa discussão que vejo aqui...Sei que homem tem q ser honrado! Machista SIM! Pq machismo não é ser babaca e maltratar uma mulher....Ser homem machista e viril é ser protetor, saber dizer não na hora certa, apoiar a família tradicional e os bons costumes! Ser frio e desapegado e mostrar o seu real valor cm as suas atitudes! Ter uma boa família e envelhecer desfrutando do seu trabalho ao lado de uma mulher honrada e não de uma vagabunda aproveitadora e acima de tudo honrar e respeitar a Deus! O resto é só balela! Homens são diferentes de mulheres... Homens feministas. So sinto pena de vez, pois infelizmente não sabem serem homens (GABRIEL SOARES, 2016).

Através do fragmento discursivo anterior, fica evidente a relação entre masculinidade e o papel da paternidade quando o sujeito, através de sua fala, mostra que o papel do homem é cuidar da família bem como a relação entre masculinidade e trabalho, pois na fala desse sujeito “ter um trabalho” é uma característica fundamental da masculinidade, podendo muito bem se relacionar com a paternidade/família pois, estar empregado, pode significar estabilidade financeira para aqueles que estão sobre sua égide, garantindo assim que não tenha falhado enquanto “homem”. Esse fato já foi evidenciado por Nolasco (1995), ao afirmar que

vinculado à masculinidade, estão a paternidade e o trabalho. Porém, o sujeito aporta outras características associadas a masculinidade, como por exemplo constituir uma família tradicional, ou seja, formada por homem, mulher e filho (s). Esse discurso acaba por ferir, ou até mesmo desqualificar homens que não adotem essa “filosofia” para suas vidas, ou seja, esse posicionamento acaba violentando os outros homens, como destaca-se Kaufman (1987).

A Masculinidade nunca foi tão perseguida como hoje. Atitudes másculas são reprimidas e taxadas de misóginas. O guri bate a mão no peito dizendo: "SOU HOMEM!" e a mãe já reclama: "Deixe de seu machismo...". O que se "libertou" hoje em dia tem nada de viril e não me representa (RICARDO LIMA, 2016).

Sei lá viu... É bom e difícil ao mesmo tempo...o lado bom É viver pra servir e proteger o sangue do teu sangue sem se importar com isso, é passar segurança aos mais frágeis. O lado ruim de ser homem é esse ódio propagado pelo feminismo. Tudo é machismo, todos são estupradores e opressores... Andar sem camisa ofende, assuntos de homem ofende, tudo ofende, mas acho incoerente ser tachado de machista, se a base de minha educação veio de uma mulher, tanto em casa como na escola (FELIPE SOUZA, 2016).

Nos fragmentos discursivos percebeu-se que o “ser homem” está enraizado na declaração de práticas machistas, e que o feminismo é uma ameaça ao que “é ser homem”, pois busca a equidade entre os gêneros e o respeito, colocando assim em cheque a figura do homem, heterossexual e com traços da masculinidade hegemônica. E qualquer homem que abarque ideias do movimento feminista são dignos de pena e não são considerados homens. Com o fragmento discursivo de Felipe, percebe-se ainda que o feminismo, por ser um movimento que luta pela equidade, propaga ódio ao que é “ser homem”. Nesse contexto, ressalta-se, ainda, que o feminino ainda é visto como algo frágil e que merece ser protegido pelo homem. Esses fragmentos mostram que, para ser homem, tem que ser autoritário, orgulhar-se da sua virilidade e do seu poder de dominação.

Outros discursos mostram ainda esse cenário da dominação masculina “*Quando se remove um homem de sua posição, é o começo do fim*” (Daniel Neiva, 2016). “*Mulheres, querem um homem de verdade? Aceite o seu macho, machista ou machão. Respeite ele e procure mudar, ou mesmo ensinar tudo que ele não sabe, principalmente te respeitar*” (Ronaldo Costa). “*Ser homem é não ter direitos, ser sempre visto como mulherengo, estuprador e opressor de mulheres!*” (Mareio Arsei, 2016). Através desses discursos, é possível perceber que os mesmos estão alinhados aos pensamentos de Messerschmidt (2013) e Bourdieu (2014), no que se refere à dominação masculina, cujos autores evidenciam que são os homens os que mais propagam os valores da dominação masculina e naturalizam os

valores que dela emergem.

Em outro fragmento discursivo é possível compreender que ser homem é estar acima de tudo e de todos, e é uma classe especial e dominante, que dita as regras como mostra o fragmento a seguir “*Homem é homem, pessoas são pessoas... É diferente se é que vc entende... Orgulho máximo de ser macho... Um macho de verdade está acima do bem e do mal...*” (Elton Oliveira Fia, 2016). Através do fragmento discursivo anterior é possível perceber que o sujeito considera que ser homem heterossexual é ser soberano, pois relata que o “macho” está acima do bem e do mal, o que pode levar a compreender que o ser “macho” é ser deus ou até mesmo a própria justiça, ou seja, estando ele no topo de qualquer sistema hierárquico, sendo essa uma manifestação do poder, dialogando com Foucault (2007) ao evidenciar que a hierarquização é uma forma de poder, corroborando, também, com os pensamentos de Scott (1995) ao relatar que o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder.

4.4 Tema: Ser gay não é ser homem

Impõe-se, aqui, faz necessário relatar que essa seção apresenta questões que não foram desveladas pela literatura, sendo essa a grande contribuição desse trabalho. Sendo assim, nesta seção buscou-se discutir o discurso entre o que é ser homem frente ao sujeito gay. Em suma os fragmentos discursivos mostram que ser gay não é ser homem. O primeiro fragmento relata que estão acabando com a masculinidade, “*Esse mundo está acabando com a verdadeira masculinidade, deixando o mundo gay*” (Jefferson Vasconcelos, 2016). Através do discurso de Jefferson, compreende-se que a masculinidade hegemônica está acabando, e a ausência dessa masculinidade torna a sociedade gay. Logo mesmo que os gays, muitas vezes, representem uma figura masculina, eles não são considerados como homens.

Outro fragmento evidencia que para ser homem é preciso se atrair sexualmente por mulheres “*Ser homem em primeiro lugar é ser macho isto é gostar de mulher em segundo e terceiro quarto quinto vem ter caráter não ser arrogante respeitar a opinião dos outros*” Haroldo Cavalcante (2016), “*Homem não gosta de homem, gay gosta de homem*” (Enilton Macedo, 2016). Através desses fragmentos compreende-se mais uma vez que homens que se sentem atraídos por homens não podem ser considerados “machos”, pois é a relação heterossexual e sua compulsão por se relacionar com mulheres que define quão “MACHO” ele é e, atrelado a palavra macho, as mulheres mostram-se como verdadeiras presas a serem

abatidas, considerando que na fala do sujeito, mulheres devem ocupar diversos graus prioritários na vida de um homem.

Corroborando com os fragmentos discursivos anteriores, Pavel relata que “*Ser Homem é ser homem. Se você é homem não pode ser outra coisa, é questão biológica. Não se pode ser um gato, uma zebra, nem um vegetal. E isto vale aos gêneros do Homem. Tem gente que quer inventar, mas o que existe é macho e fêmea. O resto é gambiarra*” (Pavel Chemov, 2016). Quando Pavel discursa sobre que ser homem é sinônimo de ser hétero e expõe os demais sujeitos como “gambiarra” ele os coloca como seres contraditórios e com uma masculinidade duvidosa, ou como sujeitos que estão fora das normas estabelecidas pelo patriarcado da figura do que é ser homem.

E, caso gays se afirmem e se identifiquem como homens são tidos como uma “mancha” na figura do homem, pois não é possível ser homem e gay; o indivíduo deve escolher como se identificar, ser homem e ser gay são conceitos opostos como mostram os fragmentos discursivos a seguir “*Ou você é homem ou gay para de quere ferrar com os homens*” (Enilton Macedo 2016), “*Vai toma vergonha na cara o tanga frouxa ...se gosta de gay arruma um pra você! Gay e uma coisa homem e outra*” (Cristiano Menegotto, 2016).

O discurso e a ideia de que “ser homem” é ser heterossexual e viril é tão presente, que acaba evidenciando fortes traços da dominação masculina, aceitos e propagados por algumas mulheres como é o caso de Thais, produziu o discurso. Os fragmentos discursivos apresentados nesta seção estão dialogando com as ideias de Connell (2005), ao evidenciar que, do ponto de vista da masculinidade hegemônica ser gay (homossexual masculino) pode ser sinônimo de feminilidade e, assim, ser alvo de ataques homofóbicos o que, na verdade, nos leva a questionar se os ataques são contra homossexuais ou contra ser feminino.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomamos aqui a pergunta que deu origem a esse artigo e o objetivo final. A pergunta feita foi: *Como é compreendida a masculinidade pelo olhar masculino e quais são seus reflexos na sociedade?* Já o objetivo final consistiu em compreender os diferentes posicionamentos discursivos manifestados por usuários de redes sociais sobre o que é ser homem, e quais os seus reflexos na sociedade. De forma rápida, através da compreensão dos diversos discursos referentes ao que é “ser homem”, pode-se responder à pergunta proposta da seguinte maneira: Os fragmentos discursivos mostram que a masculinidade, no ponto de vista de homens cisgêneros e sua compreensão do que é “ser homem”, está vinculada a

características da masculinidade hegemônica como força, agressividade e traços animais, sendo os verdadeiros “machos alfas” da sociedade. Alguns homens ainda compreendem que há diversas formas de se “construir como homem” na sociedade, o que reflete uma sociedade libertadora. Contudo, a maioria dos fragmentos discursivos, baseados na masculinidade hegemônica, refletem práticas da dominação masculina, comumente propagadas na sociedade.

Na contemporaneidade, não é possível dizer que a masculinidade se libertou, tendo em vista que a pesquisa revela que ser homem ainda está enraizado em um modelo hegemônico de masculinidade, filho da dominação masculina. Sendo assim, ser homem é sinônimo de “macho alfa” com características animais, tais como a força e a violência. Através dos fragmentos discursivos, percebeu-se, também, que, para ser considerado homem “de verdade” é preciso ser viril e dominador. No que tange à virilidade todos aqueles que não são heterossexuais não são considerados “homem”, mas sim um outro gênero, como o caso dos gays e homens trans. Percebeu-se que a exclusão desses sujeitos como seres masculinos deve-se ao fato de que alguns homens consideram que os eles “mancham” a figura masculina e que jamais podem representar um homem másculo e viril, ou seja, aquele que se encaixa nos padrões hegemônicos do que é “ser homem”; sendo assim, são apenas gambiarras, como é evidenciado em um dos discursos.

Já no que se refere a dominação masculina, percebeu-se que diversos discursos pregavam a submissão feminina ao poder do homem, ao qual o machismo foi exaltado como estabelecedor da ordem na sociedade e todos deveriam aceitar, alguns ainda apontaram que o feminismo é um movimento que estragou a sociedade, e propagou o ódio ao machismo. Compreende-se, assim, que há uma inversão de valores, e o machismo, que é um sistema de opressão, tenta culpar o feminismo, que defende a equidade, pela suposta “opressão” ao que “é ser homem”. Ressalta-se ainda, que, nesse contexto, a mulher é vista como a “fêmea” que é frágil e precisa da proteção do “macho alfa”, e que deve respeitar o machismo, pois ele é o contrato de proteção para os mais “frágeis”.

Por fim, percebeu que gays “são homens que não são homens”, considerando que grande s homens heterossexuais não consideram o gay como homem, mesmo que esse assim se identifique. Nesse sentido, pode-se perceber que, dentre as diversas faces da dominação masculina, tais como o machismo e o patriarcado, há também a masculinidade hegemônica. Pode-se dizer que, frente ao conceito de masculinidades, a masculinidade hegemônica seria uma das faces contemporâneas desse sistema de dominação. Contata-se, portanto que falta muito para a masculinidade libertar-se e prevalecer o conceito de masculinidades; sendo assim, parece prevalecer ainda na sociedade somente machos, como motivos de orgulho;

fêmeas como seres confinados no seu sexo, e as gambiarras, sujeitos que não são tidos “errados” perante a masculinidade hegemônica.

REFERÊNCIAS

ADADE, D. R; BARROS, Denise Franca. Mas será só Marketing? A utilização da Netnografia e da Análise de Discurso Mediada por Computador (ADMC) como alternativas metodológicas para investigação de fenômenos da Administração. In: **Anais** do V Congresso Nacional de Administração e Ciências Contábeis – AdCont. Rio de Janeiro, 2014.

ALMEIDA, M. V. Género, Masculinidade e Poder Revendo um caso do Sul de Portugal. In: **Anuário Antropológico**, v.95, Portugal, 1996.

BARKER, G. T. **Homens na linha de fogo** – juventude, masculinidade e exclusão social. Rio de Janeiro: 7letras, 2008.

BAUER, M. W.; AARTS, B. **A construção do corpus**: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Orgs). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: Fatos e mitos. v.1**. São Paulo: Nova Fronteira, 1970.

BERNINI, L. **Macho e fêmea Deus os criou!?** A sabotagem transmodernista do sistema binário sexual. Bagoas, n. 06, 2011.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade; Trad. Renato Aguiar. – 2º ed. – Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2015.

COELHO, S. M. P. F; CARLOTO, Cássia Maria. Os sentidos da masculinidade nas relações de gênero e a violência efetivo-conjugal. **Revista Emancipação**, 7(2): 115-136, 2007.

CONNELL, R. W. The social organization of masculinity. In: Mccann, Carole R; Connell, Robert W.; Messerschmidt, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(1): 241-282, janeiro-abril/2013.

CORBIN, A. A virilidade reconsiderada sob o prisma do naturalismo. In: Corbin, Jean-Jacques; Courtine, Georges Vigarello. **História da Virilidade**: O triunfo da virilidade: o século XIX. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

FIALHO, F. M. Uma crítica ao conceito de masculinidade hegemônica. **Working Papers**, p. 14, 2006.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Rachel Ramallete. 34. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

HAYWOOD, C; MAC AN GHAILL, M. **Men And Masculinities**: Theory, research and social practice. Philadelphia: Open University Press, 2003.

HEILBORN, M. L. Homens jovens e os atropelos da heterossexualidade: contracepção e aborto. In: MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge; AZEVEDO, Mariana; BRASILINO, Jullyane (org). **Homens e masculinidades: práticas de intimidade e políticas públicas**. Recife: Instituto PAPAÍ, 2010.

KAUFMAN, M. The construction of masculinity and the traid of men’s violence. In. Kaufman, Michael (Ed). **Beyond Patriarchy: Essays on Pleasure, Power, and Change**. Toronto, Oxford University Press, 1987.

KIM, SEUNG-KYUNG. **Feminist local and global theory perspectives reader**. New York: Routledge, 2005.

KOZINETS, R. V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica**. Porto Alegre: Penso, 2014.

LARAIA, R. B. **Cultura: Um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2006.

MOLINIER, P; WELZER-LANG, D. Feminilidade, masculinidade, virilidade. In: HIRATA, Helena; et al (orgs). **Dicionário Crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

MONTARDO, S. P., ROCHA, P. J. Netnografia. Incursões metodológicas na cibercultura. **Revista E-compós**, 2005, v. 4, Brasília.

NOLASCO, S. **O mito da masculinidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco; 1995.

_____. “Um homem de verdade”. In: CALDAS, Dario (org.). **Homens:- comportamento-sexualidade-mudança**. São Paulo: SENAC, 1997.

REINISCH , J. M; ROSENBLUM, L. A.; SANDERS, S. A. Masculinity Pemininity: An Introduction. In: Reinisch ,June Machover; Rosenblum, Leonard A.; Sanders, Stephanie A. **Masculinity/Femininity:Basic Perspectives**. New York: Oxford, 1987.

REYNAUD, E. Holy Virility: The Social Construction of Masculinity. In: MURPHY, Peter F. **Feminism and masculinities**. New York: Oxford, 2004.

SANTOS, V. F. Gênero, masculinidades, violências. **Revista Todavia**, Ano 1, nº 1, jul. 2010.

SAWYER, J. On Male Liberation. In: MURPHY, Peter F. **Feminism and masculinities**. New York: Oxford, 2004.

SCOTT, J. Gênero: uma Categoria Útil de Análise Histórica. **Educação e Realidade**, v.20, n.2, julho/ dezembro 1995.

SIMPSON. R. Masculinity at Work: The Experiences of Men in Female Dominated Occupations. **Work Employment and Society**, Vol 18, 2, 2004.

SOBAL, J. M, meat, and marriage: Models of masculinity. **Food & Foodways**, 13, p. 135-158, 2005.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

MOURA, R. G; NASCIMENTO, R. P. “Só Existe Macho e Fêmea, o Resto é Gambiarra”: Analisando Discursos da Campanha Fala Homem. **Rev. FSA**, Teresina, v.15, n.1, art. 3, p. 43-64, jan./fev. 2018.

Contribuição dos Autores	R. G. Moura	R. P. Nascimento
1) concepção e planejamento.	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X